



**6.5. Sobre *Alex, o Amigo Francês*³³, de Carlos Correia:
partida(s) e regresso(s)**

José António Gomes
(ESE-IP Porto)

Sara Reis da Silva
(IE – Universidade do Minho)

Resumo: No presente comentário, procura analisar-se as singularidades de *Alex, o amigo Francês*, novela juvenil de Carlos Correia. Destacando-se pela sua cuidada e apelativa urdidura, este texto dá conta da comum hesitação afectiva e (in)adaptação dos emigrantes de segunda geração, quer ao país de acolhimento, quer à terra natal da sua família. Registrando notas de índole sociopolítica subtilmente críticas, o autor retrata a cidade de Paris, sendo evidente o contraponto com o espaço português, especialmente se percebido pelo olhar juvenil.

Palavras-chave: alteridade, Carlos Correia, cultura francesa *vs* cultura portuguesa, delinquência juvenil, família, identidade, juventude, multiculturalismo.

³³. Lisboa: Editorial Caminho, col. Caminho Jovens, 1989.

Abstract: This essay seeks to examine the singularities of *Alex, o amigo francês*, a juvenile novel by Carlos Correia. Standing out for its careful and appealing narrative texture, this text gives an account of the common hesitation and affective (in) adaptation of second generation migrants either to the host country or to the homeland of his family. Registering sociopolitical notes subtly critical, the author portrays the city of Paris, with the obvious counterpoint to the Portuguese space, especially if perceived by youthful look.

Keywords: Carlos Correia, family, French culture *vs.* culture, identity, juvenile delinquency, multiculturalism, otherness, youth.

Carlos Correia (Castelo Branco, 1947) desenvolveu, na década de 80 do século XX, uma prolífica atividade literária, sendo autor de mais de trinta obras especialmente vocacionadas para os leitores mais novos, em particular para o destinatário juvenil. A sua escrita foi já reconhecida, em 1980, com o Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens (Prémio Revelação para o melhor inédito sendo o autor um estreante), com *A Locomotiva Tchaaf*, e Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens (Recomendado para publicação), com *Job, o As do Bilas e Pifaro Lá Mi Fá Sol*; em 1983, Prémio Revelação de Literatura Infanto-Juvenil APE/IPLB (Menção Honrosa), com *O Pião das Nicas*; e, ainda, em 1986, Prémio O Ambiente na Literatura Infantil para a obra *O Sétimo Descarrilamento*.

A narrativa juvenil *Alex, o Amigo Francês* veio a lume em 1989, na coleção “Caminho Jovens” com a chancela da Editorial Caminho. Romance juvenil composto por 24 capítulos, todos intitulados, e 170 páginas, o texto de Carlos Correia propõe uma leitura que se afigura apelativa e envolvente, condimentada com muitos episódios que ganham, com facilidade, reconhecimento por parte do receptor juvenil.

A intriga tem início com o relato de um assalto, acontecimento que permite antever a vida pesada vivida por Alex, adolescente de ascen-

dência portuguesa, na capital francesa. O filho de emigrantes portugueses relaciona-se com um grupo “multirracial: um negro, um árabe e uma europeia indiscutível loira e branca. O grupo não ultrapassava os sessenta anos, somadas as idades individuais” (p. 17), que acaba por traí-lo e por desviá-lo para “caminhos perigosos” (p. 30).

Expressões como “escuro sem futuro da cidade-luz” (p. 13), um expressivo oxímoro, ou “a luz forte e o ruído característico de uma manhã parisiense” (p. 43), juntando-se a segmentos descritivos, marcadamente visualistas e/ou sensoriais, como o que diz respeito ao tempo de férias na cidade (capítulo 9) ou o referente à feira onde vendia o tio do protagonista (tio Silvino), contribuem para o desenho de Paris, espaço físico da ação principal e cidade-destino da emigração de muitos portugueses (e não apenas), durante um longo período da História (anos 60 e 70 sobretudo), procurando fugir às condições precárias em que, então, se vivia: “O Silvino sorriu com as recordações dos tempos do salto, passagem clandestina das fronteiras que tanto ele como muitos milhares de portugueses tinham conseguido fazer para procurar em terra alheia o pão que os senhores da Pátria lhes tinham negado” (p. 48). As alusões a Paris – mas também à aldeia dos seus pais – são quase sempre negativas. Aliás, são várias as notas de raiz sociopolítica, às quais não se encontra alheia uma certa crítica.

Na capital francesa, a viver com um tio, desde que os pais tinham regressado a Portugal, Alex sente-se perdido, vai aguentando a segregação, suporta o peso da solidão – “Nessa noite ele sentiu-se terrivelmente só, ilha de carne e osso rodeada por um mar hostil de gente indiferente” (p. 22) – bem como, até, da violência da prisão:

O silêncio do português valeu-lhe mais um par de bofetadas. À medida que o interrogatório prosseguia e o jovem se obstinava no seu silêncio, o espancamento prosseguia, sistemático. Alex tentou soerguer-se mas a força bruta da mão do comissário desfechou-lhe uma punhada na cabeça que o fez cair no chão (pp. 41-42).

No entanto, “Alex considerava-se francês, recusava sequer admitir a ideia do regresso a Portugal, mas o sabor do leite de Paris não se podia comparar com o do Vale das Vacas” (p. 23).

O regresso à terra natal dos pais – Malpica do Tejo – é, porém, uma decisão que a personagem principal acaba por tomar. Entre Paris e a aldeia portuguesa, a distância era imensa, indescritível e insustentável para o protagonista:

Os pais tinham-lhe proporcionado todas as condições para ele se sentir bem em Malpica do Tejo, mas pode-se comparar uma aldeia portuguesa à capital de França? Como poderia ele transformar-se em aldeão depois de viver tantos anos na cidade-luz? Uma pessoa não consegue transformar-se assim, da noite para o dia! Que monótonas eram as intermináveis sessões de cartas à mesa do café, que aborrecidas as conversas a agricultura, a pecuária, as meninas casadoiras, a cortiça e os porcos! E aquela gente parecia não saber falar de mais nada!!! (p. 88)

No final, Alex encontra-se finalmente e parece acreditar nas possibilidades e nas “promessas” de um futuro de marinheiro e de contacto com o Outro, um Outro:

O olhar de Alex resplandeceu de esperança e entusiasmo. (...) Ser marinheiro, mesmo na categoria de grumete, era um bom ponto de partida. Havia o mundo todo para descobrir, raças, hábitos e paisagens para conhecer. E um dia, talvez voltasse a Malpica do Tejo para cumprir a promessa feita à avó Rita de “regressar rico e doutor” (p. 170)

Aspectos como a tensão social da capital francesa ou o racismo – lamentavelmente não apenas a pontuar a ficção ou os anos 80 do século XX, mas observável ainda nos nossos dias –, a par da tematização, entre outros tópicos, da (des)integração, da mudança ou da inadaptação e do mal estar comum aos filhos dos emigrantes (que, muitas vezes, não sentem como seu nem a terra de origem, nem o espaço de acolhimento) surgem ficcionalizados com especial verosimilhança por Carlos Correia.

Em suma, *Alex, o Amigo Francês* centra-se na questão da complicada adaptação dos jovens da chamada segunda geração de emigrantes, dando conta daquilo que é um desconforto social/afectivamente inibidor – muitas vezes, traduzido em rebeldia – tanto em França, como em Portugal.